

EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO Nº. 01/2019

EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO PARA A SELEÇÃO DE ARTISTAS PLÁSTICOS, DESENHISTAS, ILUSTRADORES E AFINS, PARA A PRODUÇÃO DE ELEMENTOS VISUAIS (DESENHOS, PINTURAS, ILUSTRAÇÕES, CHARGES, CARICATURAS, ETC) COM A FINALIDADE DE USO NA EXPOSIÇÃO "A FALA SANTISTA E SEUS ESCRITORES", COORDENADA PELA FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS, COMO AÇÃO INTEGRANTE DO MUSEU DAS PALAVRAS E FALAS SANTISTAS, INSTITUÍDO PELA LEI MUNICIPAL 3434/2018.

A **FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS**, inscrita no CNPJ sob nº 01.446.932/0001-25, com sede à Rua Amador Bueno, nº 22, Centro - Santos/SP, representada por seu Diretor Presidente Sr. Luiz Dias Guimarães, portador do RG nº. 5.063.187-1 e inscrito no CPF sob o nº. 510.522.538-49, no uso de suas atribuições, torna público e **FAZ SABER**, que durante o período de 15 de julho a 16 de agosto de 2019, receberá inscrições de artistas plásticos, desenhistas, ilustradores e afins, para a produção de elementos visuais (desenhos, pinturas, ilustrações, charges, caricaturas, etc) com a finalidade de uso na exposição "**A FALA SANTISTA E SEUS ESCRITORES**", coordenada pela Fundação Arquivo e Memória de Santos, como ação integrante do Museu das Palavras e Falas Santistas, instituído pela Lei Municipal 3434/2018, de 18 de julho de 2018, nas seguintes condições:

CAPÍTULO I – DO OBJETO

- Este edital tem por objeto a seleção de 50 (cinquenta) elementos visuais, inéditos (desenhos, pinturas, ilustrações, charges, caricaturas, etc.), com a finalidade de uso na exposição "**A FALA SANTISTA E SEUS ESCRITORES**"

- A exposição "**A FALA SANTISTA E SEUS ESCRITORES**" será itinerante, instalada em espaços públicos e escolas da rede municipal e terá como período de duração: setembro a dezembro de 2019.

CAPÍTULO II – DAS CONDIÇÕES PARA A PARTICIPAÇÃO

2.1 - Poderão participar do presente chamamento artistas maiores de 18 anos de idade e que apresentem a documentação exigida neste Edital.

2.2- Os interessados não poderão ser membro da administração pública municipal de Santos, ou cônjuge ou companheiro, parente consanguíneo ou afim, em linha reta ou colateral, até o terceiro grau de funcionário público municipal.

2.3- As artes serão cedidas gratuitamente pelos artistas participantes do chamamento, ou seja, não enseja o pagamento de cachês ou outros tipos de subvenções.

2.4- A contrapartida aos participantes se dará por meio da divulgação dos seus nomes, de forma visível nos painéis expositivos e materiais de divulgação, como autores das artes selecionadas para integrar a exposição. Serão entregues certificados de participação aos artistas que forem selecionados.

2.5- As artes deverão ser entregues em papel sulfite branco, tamanho A4, ou tela tamanho máximo 33x24 cm, colorida, com vistas a serem digitalizadas caso sejam aprovadas pela Comissão julgadora criada especificamente para esta finalidade.

2.6 - O material selecionado será digitalizado e o original ficará à disposição do autor para retirada no prazo de até 30 (trinta) dias, na sede da Fundação Arquivo e Memória de Santos, após o término da montagem da exposição.

2.7- O artista participante do chamamento poderá elaborar trabalhos para quantos temas desejar, desde que entregue uma arte por tema.

CAPÍTULO III – DA INSCRIÇÃO

3.1- A inscrição deverá ser realizada pelo artista autor, de forma individual ou coletiva (co-autoria).

3.1.1 - No caso de co-autoria, todos os co-autores devem apresentar a documentação e preencher os requisitos constantes do edital.

- O proponente deverá anotar na ficha de inscrição quais temas pretende realizar trabalhos, dentre os previstos no ANEXO IV

- O proponente deverá apresentar no período de 15 de julho a 16 de agosto de 2019, apenas de segunda a sexta-feira, exceto em feriados e pontos facultativos, das 9h às 12h e das 14h às 17h, na sede da Fundação Arquivo e Memória de Santos –

situada à Rua Amador Bueno nº. 22 – Centro – Santos/SP – CEP: 11013.151, a seguinte documentação:

- a) Ficha de Inscrição totalmente preenchida e assinada (ANEXO I),
- b) Mini-currículo do artista, ou grupo, atualizado contendo formação e experiência,
- c) Declaração de posse dos direitos autorais das obras apresentadas totalmente preenchida e assinada (ANEXO II)
- d) Declaração de Aceite totalmente preenchida e assinada (ANEXO III)
- e) Cópia do documento de identidade, CPF e comprovante de residência. No caso de co-autoria, os documentos de todos os participantes.

- Não serão aceitas inscrições que não cumpram rigorosamente todas as exigências previstas neste edital e a ausência de qualquer documento implicará na desclassificação do interessado.

CAPÍTULO IV – DO PROCEDIMENTO E DO JULGAMENTO

4.1- A Comissão de Análise selecionará 50 elementos visuais, considerando os seguintes critérios de avaliação:

Critério de Avaliação	Pontuação
Originalidade/Criatividade	30 pontos
Vivacidade/Traçado/Colorido	30 pontos
Impacto Visual	30 pontos
Organização, higiene	10 pontos
TOTAL	100 pontos

- A nota final será calculada pela média das notas atribuídas pelos membros da Comissão de Análise e, havendo empate entre os proponentes, o desempate seguirá a seguinte a ordem de pontuação dos critérios:

- a) Maior pontuação no critério de avaliação - Originalidade/Criatividade
- b) Maior pontuação no critério de avaliação - Vivacidade/Traçado/Colorido
- c) Maior pontuação no critério de avaliação - Impacto Visual

- Do resultado final caberá recurso no prazo de 5 (cinco) dias contados da publicação da decisão no Diário Oficial local.

CAPÍTULO V- DAS COMISSÕES DE SELEÇÃO E ANÁLISE

- Haverá duas comissões: a de seleção, formada por colaboradores da Fundação Arquivo e Memória de Santos, responsável pela análise documental dos candidatos; e a de análise, formada por três membros, sendo:

- a) 01 (um) representante da Fundação Arquivo e Memória de Santos
- b) 01 (um) representante da Coordenadoria de Museus e Galerias (Comug) da Secretaria Municipal de Cultura
- c) 01 (um) representante do Departamento de Formação e Pesquisa Cultural (Deforpec) da Secretaria Municipal de Cultura

- A Comissão de Análise só poderá escolher uma arte por tema proposto.

- A Comissão de Análise é soberana quanto ao mérito das decisões.

- É vedada a participação no presente Chamamento de membros da Comissão de Análise e/ou pessoas que possuam quaisquer vínculos profissionais ou empresariais com as propostas apresentadas ou cônjuge ou companheiro, parente consanguíneo ou a fim, em linha reta ou colateral, até o terceiro grau.

CAPÍTULO VI – DO RESULTADO E DOS RECURSOS

- Após a análise e deliberação, a Comissão de Seleção publicará no Diário Oficial do Município a lista com os artistas credenciados e habilitados para a segunda etapa do Edital.

- Da lista dos candidatos habilitados para a entrega das artes, caberá recurso no prazo de 5 (cinco) dias úteis, contados da publicação no Diário Oficial do Município.

- A Comissão de Análise avaliará as obras habilitadas, classificando-as pelos critérios elencados no item 4.1. Após a adjudicação pela Comissão de Análise, o resultado será homologado pelo Presidente Diretor da Fundação Arquivo e Memória de Santos, cabendo recurso no prazo legal de 05 (cinco) dias úteis contados da publicação.

- Os recursos deverão ser dirigidos à Comissão de Análise, apresentados na sede da Fundação Arquivo e Memória de Santos – situada à Rua Amador Bueno nº. 22 – Centro – Santos/SP – CEP: 11013-151 das 9h às 12h e das 14h às 17h.

- Havendo interposição de recurso no período estipulado, a Comissão de Seleção terá o prazo de 5 (cinco) dias úteis, contados do 1º dia útil subsequente ao término do prazo recursal dos proponentes para responder os recursos interpostos, devendo sua resposta ser publicada no Diário Oficial de Santos.

CAPÍTULO VII - DISPOSIÇÕES GERAIS

7.1- Caberá à Fundação Arquivo e Memória de Santos viabilizar a diagramação dos painéis expositivos, fazendo uso das artes escolhidas pela Comissão de Seleção.

- A Fundação Arquivo e Memória de Santos disponibilizará em seu site o briefing - ANEXO IV - contendo as informações pertinentes a cada tema, em número de 50 (cinquenta), para a criação das artes.

- Outras informações poderão ser obtidas pessoalmente na sede da Fundação Arquivo e Memória de Santos – situada à Rua Amador Bueno nº. 22 – Centro – Santos/SP – CEP: 11013-151, apenas de segunda a sexta-feira, exceto em feriados e pontos facultativos, das 9h às 12h e das 14h às 17h.

- A Fundação Arquivo e Memória de Santos não se responsabilizará por quaisquer despesas efetuadas pelos participantes.

- Todos os comunicados, alterações no que houver e decisões serão publicadas no Diário Oficial de Santos.

- A inscrição do proponente implica na prévia e integral concordância com as normas deste edital.

- As responsabilidades civis, penais, comerciais e outras advindas de utilização de obras ou idéias que possuam direitos autorais ou patrimoniais anteriores, contemporâneas ou posteriores ao presente Edital, cabem exclusivamente ao proponente.

- Os casos omissos serão resolvidos pela Fundação Arquivo e Memória de Santos.

CAPÍTULO VIII – CRONOGRAMA

8.1 – O cronograma de ações obedecerá ao seguinte calendário:

- a) Inscrições - de 15 de julho a 16 de agosto de 2019
- b) Prazo Recursal referente às inscrições – de 19 a 23 de agosto de 2019
- c) Julgamento – de 19 a 30 de agosto de 2019
- d) Prazo Recursal referente ao julgamento – de 2 a 6 de setembro de 2019
- e) Anúncio dos proponentes classificados – 11 de setembro de 2019

CAPÍTULO IX – ANEXOS

9.1 - Constam deste Chamamento Público os Anexos a seguir descritos:

Anexo I – FICHA DE INSCRIÇÃO

Anexo II – DECLARAÇÃO DE POSSE DOS DIREITOS AUTORAIS DAS OBRAS APRESENTADAS

Anexo III – DECLARAÇÃO DE ACEITE

Anexo IV – TEMAS - BRIEFING

**EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO Nº 001/2019 – FAMS
ANEXO I**

FICHA DE INSCRIÇÃO

DADOS PESSOAIS

Nome Completo:

Nome Artístico:

RG:

CPF:

Data de Nascimento:

Endereço completo:

Telefone:

Email:

Site:

Assinale os temas que você deseja produzir arte

<input type="checkbox"/> Um Jeito Diferente de Falar	<input type="checkbox"/> Pico	<input type="checkbox"/> Farofeiro
<input type="checkbox"/> Eu sou de Santos. E tu?	<input type="checkbox"/> Larica	<input type="checkbox"/> Jamegão
<input type="checkbox"/> Tu	<input type="checkbox"/> Bagulho	<input type="checkbox"/> Domingueira
<input type="checkbox"/> Santista mora em Canal	<input type="checkbox"/> Bambucha	<input type="checkbox"/> Totó
<input type="checkbox"/> O pão de cará	<input type="checkbox"/> Colante	<input type="checkbox"/> Lelê
<input type="checkbox"/> A média	<input type="checkbox"/> Da Hora	<input type="checkbox"/> Reclame
<input type="checkbox"/> Pingado	<input type="checkbox"/> Classe A	<input type="checkbox"/> Carteira Preta
<input type="checkbox"/> Linha da máquina	<input type="checkbox"/> Dois Palitos	<input type="checkbox"/> Bagrinho
<input type="checkbox"/> Vou à cidade	<input type="checkbox"/> Do doce	<input type="checkbox"/> Puxa Saco
<input type="checkbox"/> Joiville	<input type="checkbox"/> Bacia	
<input type="checkbox"/> Alçapão da Vila	<input type="checkbox"/> Embaçado	
<input type="checkbox"/> Catraia	<input type="checkbox"/> Mango	
<input type="checkbox"/> CPE	<input type="checkbox"/> Paga Sapo	
<input type="checkbox"/> Quebra Mar ou Pier	<input type="checkbox"/> Tá osso	
<input type="checkbox"/> Anchieta	<input type="checkbox"/> Cola lá	
<input type="checkbox"/> Cabuloso	<input type="checkbox"/> Paulista	
<input type="checkbox"/> Cururu	<input type="checkbox"/> Carro de Paulista	

Santos, de de 2019.

Assinatura do(a) proponente(a)

**EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO Nº 001/2019 – FAMS
ANEXO II**

DECLARAÇÃO DE POSSE DOS DIREITOS AUTORAIS DAS OBRAS APRESENTADAS

Pelo presente instrumento, eu _____,
portador da Cédula de Identidade número _____ e inscrito no
CPF/MF número _____, DECLARO para os fins legais junto a
Fundação Arquivo e Memória de Santos que as artes apresentadas são de minha
autoria, que sou o detentor de seus direitos autorais e que me responsabilizo Civil,
Administrativa e Criminalmente pelas mesmas

Santos, de de 2019.

Assinatura do(a) proponente(a)

**EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO Nº 001/2019 – FAMS
ANEXO III**

DECLARAÇÃO DE ACEITE

Declaro, na condição de inscrito, que:

- Conheço e aceito incondicionalmente as regras do presente Edital de Chamamento Público;
- Responsabilizo-me por todas as informações contidas na minha inscrição, e em caso de eventual seleção, cumprirei integralmente as regras do presente Edital.
- Tenho ciência que o credenciamento no presente Edital não gera automaticamente direito à participação;
- Declaro que não sou servidor público municipal.

Santos, de de 2019.

Assinatura do(a) proponente(a)

Nome completo

RG nº

EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO Nº 001/2019 – FAMS ANEXO IV – TEMAS - BRIEFING

O disposto a seguir elenca os textos que deverão ser utilizados na exposição. Assim, servem como parâmetros para o processo de criação das artes

PAINEL 1

UM JEITO DIFERENTE DE FALAR

O pai descolado vê o filho saindo de casa e pergunta:

- Ei, onde tu vai, filho?

- Seilá, pai, vou dar um rolê no Pier com a galera do Curvão!

Antes do filho sair, o pai chama a atenção dele

- Pô, tu me faz um favor antes?

- Diga, véi.

- Vai lá na padaria e me compra cinco carás e duas médias. Já quero adiantar a compra do lanche da tarde.

O filho, então, se aproxima do pai, esperando que ele lhe dê o dinheiro.

- Belê. Xá comigo!

- Então, taqui a grana. Acho que 20 mangos dá, né?

O menino pega o dinheiro e sorri

- Sussa! Tem até troco.

- Então, depois que você voltar da padoca, deixa as coisas lá na mesa da cozinha, porque estou saindo agora, pra visitar um colega que mora no canal 2.

O menino fica surpreso

- Sério? Tem vários trutas do rolê que moram lá. Essa casa do seu amigo fica antes ou depois da linha da máquina?

- Depois, é bem perto da praia.

- Pô, pai, então me espera pra dar uma carona. Vou rapidinho na padoca. São dois palitos!

O pai olha para o filho e faz um gesto positivo

- Tá bom moleque! Vai levar o boi! Corre! Vou contar o tempo aqui no relógio!

O pai, então, fica no veneno, porque percebe que o relógio havia pifado.

- Meu, não acredito que essa bagaça foi pro saco!

O filho riu e, já de longe, correndo, gritou

- Também, comprou um relógio do doce, de baciada! Só podia dar nisso!

E lá se foi o menino, rindo, cumprir sua missão na padaria

PAINEL 2

EU SOU DE SANTOS! E TU?

Linha da máquina, morar em canal, pão de cará, dois palitos, ficar no veneno, tu, do doce, e tantas outras expressões, que pra muita gente soa como esquisitas, fazem parte de um dos maiores patrimônios imateriais do povo santista, o modo peculiar da fala, construído num

processo lento e gradativo, iniciado nos tempos dos nossos bisavôs. O jeito de falar é uma condição natural dos povos que, mesmo pronunciando a mesma língua base, são influenciados por tonalidades de voz, inclinação dos fonemas, que culminam no que conhecemos como "sotaques" e por aspectos de caráter geográfico e urbanístico, como são os casos dos canais e dos ramais ferroviários de Santos (linha da máquina).

Esta mostra, integrante do projeto "Museu da Palavra e da Fala Santista", instituída em 2018 a partir da propositura do vereador Braz Antunes Mattos Neto, e sancionada pelo prefeito Paulo Alexandre Barbosa, tem por objetivo evidenciar e brindar o modo de fala do povo de Santos, com um breve histórico das expressões mais populares, bem como recordar e homenagear os condutores de tantas histórias impressas em livros ao longo de 150 anos de literatura regional, como Martins Fontes, Rui Ribeiro Couto, Alberto Sousa, Zezinha Aranha Rezende, Lydia Federici, Roldão Mendes Rosa, Carolina Ramos, Olao Rodrigues, entre tantos outros.

Esperamos que esta exposição possa lhe entreter e transmitir o conhecimento sobre esse grande tesouro de caráter íntimo do santista. Afinal, aqui não tem nenhum "paga sapo". Vamos curtir esta exposição cabulosa! Bom proveito!

PAINEL 3

TU

Tu tá ligado?*

Tu vai aonde? *

O que que tu quer? *

Mas tu é mesmo folgado, hein? *

Não tem jeito! O pronome "tu", pronunciado da forma errada, é uma marca clássica do santista, há muitos e muitos anos. Mas por aqui, ninguém liga para esse erro, porque isso já faz parte da tradição e do vocabulário local. Enquanto o pronome da segunda pessoa do singular, "você", que derivou do "vosmecê", é o mais comum na maior parte do Brasil, o tu, que também é pronome da segunda pessoa do singular, enraizou-se no Rio Grande do Sul e na região de Santos, mais especificamente. Porém, enquanto os gaúchos caminham na pronúncia correta, utilizando o verbo no plural (vais, queres, és..), nós, santistas, imprimimos uma marca peculiar, mantendo o verbo no singular. Assim, por aqui é "Tu vai aonde?".

Tu é muito feio! *

Que que tu tá olhando? *

PAINEL 4

SANTISTA não mora em RUA ... SANTISTA mora em CANAL

Já viu alguém morar em canal que não seja peixe, garça, sapo ou roedor? Tem santista! Sim, os canais da cidade são tão importantes, como pontos de referência, e despertam tamanho orgulho, que o povo daqui adora dizer que mora em canal. Não é difícil alguém perguntar: - Ei, onde você mora? E aí vem a resposta: Ah, eu moro no canal 3, eu moro no canal 4, eu moro no canal 2, e assim vai. Mesmo morando a três quadras de algum canal, no meio do bairro, tem muita gente que prefere dizer que mora em algum deles.

Os canais de Santos foram criados pela necessidade de sanear a cidade de Santos, que vivia com epidemias de diversas doenças. Os rios estavam poluídos e havia muita área alagada. Assim, o engenheiro Saturnino de Brito, contratado pelo governo de São Paulo, elaborou um plano de saneamento baseado em canais. E deu tão certo, que a cidade de Santos, ao término da obra, se tornou uma das mais belas do Brasil, tornando-a um dos melhores lugares para se viver no país.

Um dos símbolos mais importantes da cidade é a chamada mureta do canal, dado o valor que o santista dá para estes espaços.

PAINEL 5

O PÃO DE CARÁ

Há muitos anos, algumas mercearias santistas produziam um pão à base de um tubérculo chamado cará (muito parecido com o inhame, a ponto de ter gente confundindo a iguaria), que é uma espécie de primo da mandioca (ouaipim). Mas, com o tempo e sua raridade, o cará ficou "caro" (dá um belo trocadilho, hein?), fazendo seus produtores mexerem na receita, tornando-o um pão comum, à base de farinha de trigo e leite. O nome, porém, se manteve, e tornou-se um patrimônio santista que, dizem, é a única terra no Brasil a oferecer o famoso pão de cará.

Desenho de uma padaria e gente comprando e comendo cará
- Quero um cará na chapa com manteiga!

A MÉDIA

Pode parecer esquisito pra muita gente de fora, mas o santista, na hora de comprar seus pãezinhos franceses, ele o faz chamando-os de "médias". Então é muito comum presenciar as pessoas nos balcões das padarias pedindo: Me vê quatro médias, e dois carás! (Não podemos esquecer o cará, hein?). Não se sabe quando, como e porque esta história ocorreu dessa maneira, mas assim o é. Em São Paulo, se alguém pede quatro médias, o atendente, mesmo

sem entender muito, vai servir quatro copos de café com leite! Sabe por quê? Porque lá, eles chamam o pão francês de "pão". Ô gente sem imaginação, hein?

PINGADO – Se o café-com-leite paulistano assumiu o apelido de “média” lá na capital, qual seria a versão santista para a deliciosa bebida tomada por milhares de pessoas todas as manhãs? Aqui chamamos de “pingado”. E por quê? Por causa da forma como os atendentes das padarias, em especial, atendem aos pedidos dos clientes, enchendo o copo de leite quente e “pingando” porções de café.

PAINEL 6

A LINHA DAMÁQUINA

A partir dos anos 1930, uma estrada de ferro, chamada Sorocabana, passou a cruzar a cidade de Santos, "cortando-a" em duas partes: de um lado ficava a zona da orla e do outro a parte interiorana da ilha. Assim, os santistas passaram a conviver com o trânsito constante de trens de passageiros e alguns de carga com destino ao porto. As velhas máquinas a vapor cruzavam as avenidas apitando forte, com a finalidade de alertar sua aproximação e, assim, evitar acidentes. Não precisou muito tempo para que a população apelidasse o ramal ferroviário de "linha da máquina", tornando-o também uma referência de localização. Portanto, era muito comum, e isso ainda vale para muita gente nos dias de hoje, informar aos turistas como proceder para chegar às praias, vindo de São Paulo via centro de Santos, pelos canais 1, 2 e 3. – Olha, moço, depois que passar a linha da máquina, tem poucas quadras. Quer ir ao Orquidário? Segue pelo canal 1 e, depois da linha da máquina, entre na segunda à direita.

PAINEL 7

VOU À CIDADE

Uma coisa curiosa e bastante comum nas localidades muito antigas, como é o caso de Santos, é determinar que a “cidade” fica num ponto específico da própria cidade. Tem muita gente, em especial os santistas das velhas gerações, que, mesmo estando no Gonzaga, Boqueirão, José Menino, Zona Noroeste ou qualquer outro lugar que não seja o Centro Histórico, insiste em dizer: “Vou até a cidade!”. É esquisito pensar nesta frase, uma vez que o contrário conceitual de “cidade”, ou a urbe construída, seria “campo”, “fazenda” ou algo do gênero. Já pensou olhar para o Marapé ou a Ponta da Praia e se deparar com cabras, cavalos, porcos ou vastas plantações de xuxu? Há cem anos atrás isso era muito fácil de acontecer.

PAINEL 8

GÍRIAS GEOGRÁFICAS

Há certas palavras que fazem parte do vocabulário santista, que só mesmo quem conhece bem os lugares daqui vai entender. São os que chamamos “gírias geográficas”. Veja só algumas bem marcantes:

JOINVILLE – Não, não se trata da bela cidade catarinense. Muitos santistas, em especial nos anos 1980 e 1990, chamavam de “Joinville” o trecho de orla próximo ao canal 3, nas proximidades da estátua do poeta Vicente de Carvalho. Isso por causa da existência de uma doceria que levava esse nome, e que ficou famosa entre os jovens. “Me espera no Joinville”, assim, significa ter de esperar a pessoa naquele trecho de praia.

ALÇAPÃO DA VILA – A fama internacional do Santos Futebol Clube foi conquistada graças aos espetaculares elencos que formou ao longo de seus mais de cem anos de história. Durante a chamada “Era Pelé” (1956-1974), o alvinegro praiano era tão imbatível em sua casa, o estádio Urbano Caldeira, que os torcedores apelidaram o lugar de “alçapão”, inspirado na famosa e tradicional armadilha para pegar passarinhos. E assim é até os dias de hoje.

CATRAIA – No bairro do Macuco, de origem operária, foi criado um serviço de travessia, por embarcações, para a Ilha de Santo Amaro. Esses pequenos barcos a motor eram chamados de “catraia”. Com o tempo, ninguém mais falava que ia até a Baía do Mercado tomar os barcos para fazer a viagem até o outro lado. Os santistas passaram a dizer: “Vou lá pra catraia”.

CPE – Nos anos 1980, um dos pontos de encontro preferidos da juventude, no final de uma noite de festa (ou balada, como se diz nos dias de hoje), era comer um lanche nos traillers do Centro de Paquera do Embaré, ou simplesmente CPE, que se situava defronte à bela igreja gótica da zona da orla. Apesar de haver outras ofertas de barracas de lanche espalhadas por toda a região da praia, o CPE era, disparado, o preferido da moçada.

QUEBRA-MAR, OU PIER, OU SIMPLEMENTE “QUEBRA” – No final dos anos 1970, a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) implantou um sistema de descarte do esgoto tratado da cidade para o meio da Baía de Santos, lançado por um enorme duto conhecido como “Emissário Submarino”. Para não ficar à mostra no trecho da areia da praia, este duto foi coberto por uma imensa camada de pedras e terra, formando o que muitos santistas chamavam de “Pier” (embora não houvesse atracação de embarcações, como um píer normalmente teria). Esta construção contribuiu na formação de um conjunto de ondas, tornando o José Menino no melhor ponto para a prática do surfe na cidade de Santos. Como o tal “píer” avançava sobre o mar, muitos surfistas passaram a chamar o lugar de “Quebra-Mar”, ou “Quebra”, para os mais íntimos. O espaço era um campo aberto, sem muita estrutura e normalmente era ocupado por circos, parques de diversões e eventos juninos da Prefeitura. Até se pensou em construir o Museu Pelé por lá. Em 2012, o lugar passou a ser ocupado pelo

Parque Roberto Mário Santini e se tornou um dos mais freqüentados da cidade, inclusive ostentando o belo monumento Tomie Ohtake, em homenagem aos 100 anos da Imigração Japonesa no Brasil.

ANCHIETA – “Tu vai parar no Anchieta”, era o que se queria dizer de alguém que estava fazendo algo completamente maluco. O Hospital Psiquiátrico Anchieta foi protagonista nos anos 1980 de uma série de polêmicas, envolvendo histórias de pacientes que sofriam tratamento de choque. A Prefeitura chegou a interditar o lugar e o extinguiu algum tempo depois.

PAINEL 9

GÍRIAS DE SURFISTA

Como se sabe, o surfe surgiu no Brasil em 1938, em águas santistas, apesar de suas ondas baixas. A cidade, assim, se tornou um importante centro do esporte, reunindo um grande número de adeptos, cujos linguajares se mostraram peculiares dentro do universo da língua portuguesa. Muitas terminologias do universo do surfe tiveram sua origem aqui e ficaram marcadas no vocabulário santista.

CABULOSO – É o que se quer dizer do sujeito meio esquisito, que usa vestes não muito usuais, ou até mesmo que pode ser considerado “feio” dentro do senso estético de um grupo específico. “Meu, tu é muito cabuloso!” O termo, também, era utilizado para determinar algo que é muito legal, seja uma roupa, um evento, um objeto: “Olha só que camisa cabulosa!”

CURURU – Sabe aquele amigo pra lá bobo, que tropeça na calçada, que só dá bola fora com a galera e que faz todo mundo ter vergonha alheia? Esse é o Cururu. Sempre tem um por perto!

PICO – As melhores ondas estão no que os surfistas chamam de “pico”.

LARICA – É a mesma coisa dizer que se está com muita fome, ou “laricado”: “Brother, meu deu agora mó larica!”

PAINEL 10

GÍRIAS POPULARES SANTISTAS

Nos bairros mais populares estão os maiores mananciais de neologismos e frases inusitadas. Muitas gírias nascem nessas comunidades, em especial nos bairros da faixa portuária, Zona Noroeste e morros, e acabam se espalhando por toda Santos, conquistando espaços no vocabulário da juventude. As mais conhecidas são:

BAGULHO – Há muito tempo, a palavra bagulho ficou associada às pessoas do gênero feminino que não exibiam um pingo de vaidade. “Aquela mina é o maior bagulho”, é um dos exemplos. Com o tempo, a palavra passou a significar qualquer coisa material que se carregasse. “Tu trouxe o bagulho?”, “Pega esse bagulho pra mim”, são alguns exemplos da terminologia.

BAMBUCHA – Durante as festas de Carnaval, muita gente adora atirar aquelas bexigas pequenas cheias de água (em alguns casos, coisas piores) nas pessoas. Em Santos, dá-se o nome de “bambucha” às famosas bexigas que, em muitos casos, se tornava o estopim de grandes confusões.

COLANTE – É como o santista define o “adesivo”, aqueles impressos que já possuem uma face aderente, que podem ser colocados em qualquer superfície, seja um carro, uma parede, na geladeira, na porta, enfim, em qualquer lugar. “Ei, amigo, põe um colante de propaganda no seu carro!”

DA HORA – Não, não tem nenhuma significação com horário. O santista usa a expressão “da hora” quando quer elogiar algo ou alguma situação. “Meu, esse seu boné é da hora!”, “Cara, que da hora esse restaurante!”

CLASSE A – Praticamente o mesmo sentido do termo anterior, muito utilizado por jovens das classes mais altas. “Velho, classe A esse teu tênis!”, “Essa viagem pro Rio foi classe A”.

DOIS PALITOS – É quando o santista quer dizer que vai fazer algo bastante rápido, que seja fácil de realizar ou quando quer explicar sobre algo que pode acontecer se ninguém tomar uma providência. “Vou te dizer uma coisa, se ninguém arrumar aquela fiação elétrica, é dois palitos para acontecer uma desgraça”, “João, me espera um pouco pra carona. Só vou até a farmácia e volto em dois palitos”, “Quer que eu monte esse aparelho? Moleza! Faço em dois palitos!”.

DO DOCE – Se alguém comprar algo que não presta ou de marca pouco conhecida, pode aguardar a crítica dos amigos, que não vão pensar duas vezes antes de falar que o que foi comprado é “do doce”. A expressão nasceu por conta da qualidade de “brindes” que estavam agregados a guloseimas de baixo valor. “Amigo, esse teu celular é do doce!”, diz alguém que quer criticar a qualidade do aparelho.

BACIA – “Isso aí que você usa é mó bacia”. Essa é a crítica de quem quer julgar a vestimenta do outro. O termo tem origem nas velhas lojas de roupas populares, onde boa parte do produto (roupas, calças, shorts, roupas de baixo, meias, etc) está à disposição do cliente em expositores que têm a forma de bacia. Muitas vezes o santista usa o termo “baciada”, como alternativa para definir azombaria.

EMBAÇADO – É quando o sujeito encontra uma situação difícil pela frente. “Meu, vai ser embaçado resolver aquele problema!”

MANGO – Não é o masculino de manga, não! Mango é o neologismo santista utilizado para classificar a moeda corrente. “Quanto custa essa revista? Custa dez mangos!”; “Ei, amigo. Me empresta vinte mangos, que depois eu devolvo”; “Cem mangos por esta pulseira? Tu tá louca? Dou cinquentinha e olhe lá”. A moeda pode mudar à vontade no Brasil: cruzeiro, cruzado, novo cruzeiro, real, etc. Mas em Santos, o mango nunca entra em decadência.

PAGA SAPO – É como se chamam os sujeitos que mentem para obter vantagens, em especial aos homens quando do cortejo às mulheres. “Aquele cara é o maior paga-sapo que já vi”. Em outras regiões do Brasil, pagar sapo significa “dar bronca”, ex.: “Deixei de entregar um projeto no prazo e meu chefe me pagou o maior sapo!”

TÁ OSSO – Quando a situação está difícil de resolver, muito tenso. Ex.: Pode pegar aquele saco de cimento pra mim? Pra mim tá osso! Estou com muitas dores nas costas!

PAINEL 11

REGIONALISMO

Dizem que o santista é um cidadão “bairrista”, ou seja, é apaixonado pelo lugar que nasceu, a ponto de evidenciar suas belezas e história, além de tirar “uma onda” com a cara do pessoal que é de fora. Esse jeitinho zombeteiro gerou algumas terminologias que ficaram marcadas:

PAULISTA – Para quem é de Santos, não importa se o cidadão que vem de outra cidade do Estado de São Paulo seja da capital ou do interior. Para o santista, ele será sempre o “paulista”, ignorando completamente que os nascidos e moradores da cidade de São Paulo são chamados de “paulistanos”.

CARRO DE PAULISTA – Seguindo esta linha de raciocínio, o termo “carro de paulista”, muito comum nos anos 1980, define o veículo que está ocupado com dois homens no banco da frente e duas mulheres no banco de trás. O alvo da brincadeira é o sujeito da capital, onde é muito comum este tipo de distribuição de pessoas dentro dos carros. Quanta maldade! Deduz-se que os homens estão no banco da frente para protegerem as mulheres, certo?

FAROFEIRO – A partir dos anos 1960, quando a região se consolidou com um perfil industrial-portuário, o turismo acabou perdendo espaço, ficando um pouco de lado. Em geral, a maioria dos santistas não enxergava nos turistas um fator para o desenvolvimento da cidade. E os viajantes brasileiros, em especial os paulistas e paulistanos, também partiram para a busca de novos destinos, no Nordeste ou até fora do país. O que sobrou para Santos foram os chamados turistas de um dia, ou turistas de baixa renda. Essa massa de pessoas descia a Serra em ônibus de excursão e normalmente passava o dia inteiro nas praias da cidade, inclusive fazendo suas refeições na areia. Esse comportamento fez que com os santistas chamassem este tipo de turista, pejorativamente, de “farofeiro”, não por conta do complemento alimentar que vinha acompanhando o frango assado, mas porque muitos, em razão da felicidade pelo contato com

a praia e o mar, se jogavam no chão, depois de molhados, tornando-se um verdadeiro “bife à milanesa”.

PAINEL 12

DAS ANTIGAS

É claro que, quando se fala em gírias, é necessário observar o período histórico em que ela se popularizou. Muitas simplesmente desaparecem, pelos mais variados motivos. Palavras como pitêu (mulher bonita), brasa (coisa bacana, agitada), mora (entendeu?), entre outras, tiveram seu tempo e acabaram sumindo do cotidiano. Santos também produziu algumas gírias e terminologias que ganharam o país, pela peculiaridade:

Hoje pouco se sabe dos modismos e gírias das nossas avós e bisavós. Até boa parte da década de 1940 o falar santista ainda era fortemente vincado por expressões lusitanas e palavras como malga (tigela), bugalho (um pedaço de galho), sachola (enxada), aldraba (tranca de porta), aldrabão (trapaceiro), andar a eito (ir em linha reta), tu comigo não mangas (não tiras vantagem), troca-tintas (patife), assanhada (mulher que não podia ver homem), santo-de-pau-oco (hipócrita), um garnizé (garoto) eram palavras e expressões de uso corrente. A tampa de panela podia ser chamada de testo e à mesa pedia-se um pedaço de chicha, que era carne. Às vezes meu pai ia dar uma volta para espairecer as idéias.

JAMEGÃO – Muito utilizado nos anos 1960, era uma palavra que definia “assinatura”, o autógrafo de uma pessoa no papel. “Deixa seu jamegão neste documento”.

DOMINGUEIRA – termo utilizado pelos jovens dos anos 1980, para caracterizar as matinês que aconteciam nos clubes sociais aos domingos. As domingueiras mais famosas de Santos eram do Clube Sírio Libanês e Clube Atlético Santista.

LELÊ – Gíria futebolística, hoje substituída pela “embaixadinha”.

TOTÓ – É quando o santista quer se referir àquele jogo de futebol, com bonequinhos de madeira perfilados, conhecido como Pebolim.

RECLAME – É o mesmo que comercial, peça publicitária.

PAINEL 13

GÍRIAS DO PORTO

O Porto de Santos acompanha a cidade desde os idos coloniais. Porém, é a partir do final do Século 19, com a construção do cais organizado e a chegada de milhares de trabalhadores do

exterior (em especial portugueses e espanhóis), que o vocabulário local foi sendo criado, com gírias e termos específicos, de conhecimento restrito aos rudes homens do porto.

CARTEIRA PRETA – Instrumento documental que só estivadores inscritos no Sindicato podiam ter, lhes garantindo os postos de trabalho durante a distribuição de tarefas. Os carteiras pretas eram homens temidos no porto e muito bem remunerados. Ter uma carteira preta no bolso era como ter crédito no comércio da cidade, em razão da notoriedade sobre as condições de ganho de seu dono.

BAGRINHO – Eram trabalhadores da estiva, não-sindicalizados, que -- por serem jovens e se considerarem, por isso mesmo, imunes e refratários a doenças em geral -- aceitavam manusear cargas perigosas ou tóxicas, nas operações de carga e descarga dos navios, chegando, até, a dispensar trajes e equipamentos complementares de segurança do trabalho. Na prática, eram subcontratados por estivadores devidamente sindicalizados que, com tais contratações, podiam passar as tardes curtindo a vida.

PUXA-SACO – Eram os apelidos dos estivadores carregadores de sacas de café do período compreendido entre o 1880 e 1920, no tempo em que os embarques deste produto era feito nas costas. Para poder ganhar mais no final do dia (afinal, ganhava-se por saca carregada), alguns deles exageravam no trabalho, carregando mais sacas do que podiam. Como isso acabava dando mais lucro para seus patrões, o apelido “puxa-saco” acabou remetendo ao significado de “bajulador”.